



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



POR MARIA BÁRBARA CABEÇADAS
Desenhos de A. CASTANÉ



RA uma vez um velho rei que tinha uma filha, muito bela, chamada Claralinda. Pretendentes à mão da princesa eram aos centos — mas era ela como o sol, que a todos bri-

lha, e ninguém o apanha.

Adoeceu o rei e um dia, vendo-se velho e abatido, disse à princesa:

— Estou velho e cansado, minha filha. E' preciso casares. Quem escolhes tu para noivo, Claralinda?

— Ninguém, meu pai... Estou ainda muito nova.

— Estás, na verdade, mas eu não quero deixar este mundo sem te ver casa. Eu sou árvore seca que só dá lenha para o lume, Claralinda. Tu és como a romanzeira cheia de flôr... Quem escolhes tu? Dom Duardos quere-te bem...

— Tem as barbas tamanhas, senhor pai!

— D. Carlos tem-te amôr...

— E' anão como as rãs, senhor pai...

— D. Fuas dava por ti o império...



— E' alto como as cegonhas...
 — Pois escolhe, Claralinda, que tens de casar.
 Passaram-se dias, e a princesa sempre a fugir ao pai. Só ia vê-lo quando lá estava a côrte e



nunca ficava só ao pé do rei. Mas o velho, um dia, mandou-a chamar.

Na câmara real só estava o Físico, o grande sábio.

— Decide, Claralinda: quem escolhes?

— Escolho, respondeu a princesa, o que me trazer a prenda mais rara, e de mais proveito, quando o sol der cem voltas.

Ficou-se el-rei a olhar para o Físico, também por sua vez embasbacado.

— Ah! disse o rei. Cem voltas?!... No primeiro de Março, que tantos dias vão para tu fazeres anos!

O sábio esbugalhou os olhos. Cofiou as longas barbas claras e murmurou:

— Senhor, é resposta de sibila. Cáspité!

— Pigmalião, grande sábio, manda chamar os meus arautos; disse o rei.

O Físico beijou a mão ao rei e à princesa, e saiu arrimado ao báculo de unicórnio.

Mandou el-rei pelos seus arautos lançar um bando nos países mais remotos. Nos velhos burgos, ao pé dos castelos, os arautos três vezes apregoaram: — Casará com a princesa Claralinda o príncipe que, no dia primeiro de Março, lhe oferecer a prenda mais rara e de mais proveito!

Logo os três príncipes, que ardiam de amores por Claralinda, começaram a planejar ofertas magnificas. Viriam joalheiros de longe, os mais afamados ourives de esse tempo. Um queria levar-lhe um tálamo todo de ouro, e tão brilhante, de pedras preciosas, que resplandecesse como o sol; outro resolveu levar um vestido nunca visto, onde estivessem bordadas todas as flôres da terra e to-

das as constelações do céu; outro queria oferecer-lhe um manto de seda azul como o mar, com todos os seus peixes, pérolas e diamantes. Fantasia de príncipes!

Viriam lavrantes, artistas de todo o mundo. Cada um guardava, a sete chaves, o segredo do seu presente.

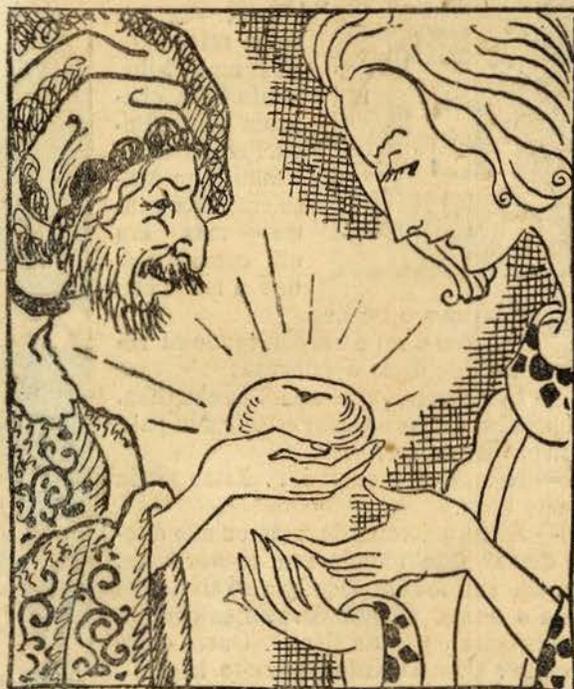
Mas, uma tarde, estando um deles à janela do palácio, apareceu-lhe um judeu velhinho que lhe queria falar. Era um grande segredo! Trazia para sua alteza a prenda mais rara e de maior proveito... O príncipe mandou entrar o judeu.

Ao pé do seu vestido onde estavam bordadas todas as flôres e todas as estrêlas, o velhinho abriu uma boceta, que trazia metida no peito, e tirou uma maçã de cera, tão perfeita, tão linda, que iludia os sentidos. E' esta maçã; disse o velho. O príncipe sorriu desdenhoso.

Esta maçã, tornou o velhinho, sara toda a doença. Em a chegando ao nariz dum moribundo, antes do coração dar a última pancada, este ficará são como um pero. O príncipe ficou admirado. Que maravilha! Valia bem todo o seu império a pequenina maçã milagrosa. Mas era preciso experimentar. E cedo correu a noticia de que o príncipe fazia milagres e sarava doentes. Entregou ao velho todo o ouro que êle pediu e disse de si para si: ninguém levará uma prenda como a minha!

Ah! Claralinda, Claralinda que vais casar comigo!...

Dias passados, estando outro príncipe à janela do palácio, apareceu-lhe uma velhinha a querer falar-lhe. Trazia-lhe uma prenda nunca vista: uma galinha que punha ovos azuis, donde nasciam,



logo que o sol lhes desse, aves maravilhosas com as sete côres do arco iris... O príncipe comprou a galinha, e ficou encantado; mas logo que a velha se foi embora, apareceu o judeu, muito cansado da jornada, que vinha procurar o príncipe,



o qual muito orgulhoso, erguia o bigode louro. O velhinho tirou duma saca um óculo. O príncipe pôs-se a rir. Que idéa:—um óculo! E erguia o grande bigode. Um óculo!

Pode, vossa alteza, por ele ver tudo que quizer. E' a maior maravilha da terra: Não há montanha que ele não passe. Assemelha-se ao vento.

Ficou, então, o príncipe embasbacado e disse: — Visto isso, quero ver Claralinda e o seu palácio que fica a tantas léguas! O velho deu-lhe o óculo.

Mire bem, vossa alteza! E logo o príncipe, admirado, viu o castelo de Claralinda que, nêsse momento, cortava ramos de limonete no jardim do palácio. Dentro e fóra do castelo, as pequenas coisas apareciam. O velho rei, ainda doente, jogava com um conde.

Ótimo! disse o príncipe. Até se vê o taboleiro, meu caro amigo! Distingue-se tudo, que perfeição! E, dando ao velhinho muitos sacos de peças, foi guardar a prenda, muito bem guardada.

Faltava ainda um— e para lá o judeu caminhou, ofegante, com a terceira prenda. Andou muitas léguas. Por fim apresentou ao terceiro príncipe um manto muito lindo. E explicou-lhe que o valor do manto estava nisto:—em que uma pessoa, pondo-o às costas, transportava-se num momento onde quizesse. Fôsse ele ao fim do mundo!

O príncipe experimentou o manto, e comprou-o. Nunca teve uma alegria assim. Nessa noite mal dormiu, em sobressaltos, com aquela felicidade: Quem levaria a Claralinda uma maravilha igual? E toda a noite pensou em Claralinda. Depois que ventura a dele, julgar-se o único preferido por ela — tão linda e senhora de tão grande reino!

Meses passados, encontraram-se os três numa encruzilhada, a caminho da sonhada ventura. Depois foram cavalgando pela mesma estrada, anciosos por se encontrarem com a princezinha Claralinda. Assim foram andando uns dias, todos cheios de orgulho e de glória. Contudo o mais tagarela não poudo resistir à tentação de falar no seu triunfo: — Prenda como a minha, não levam vocês.

— E como a minha!... — E como a minha!... Eu levo um óculo que vê para qualquer parte do mundo; volveu o primeiro triunfante. E mostrou o objecto admirável. Vamos ver Claralinda! Vamos ver Claralinda! Mas, ao assestar o óculo, o príncipe ficou sem pinga de sangue.

— Que é! — Que foi?...

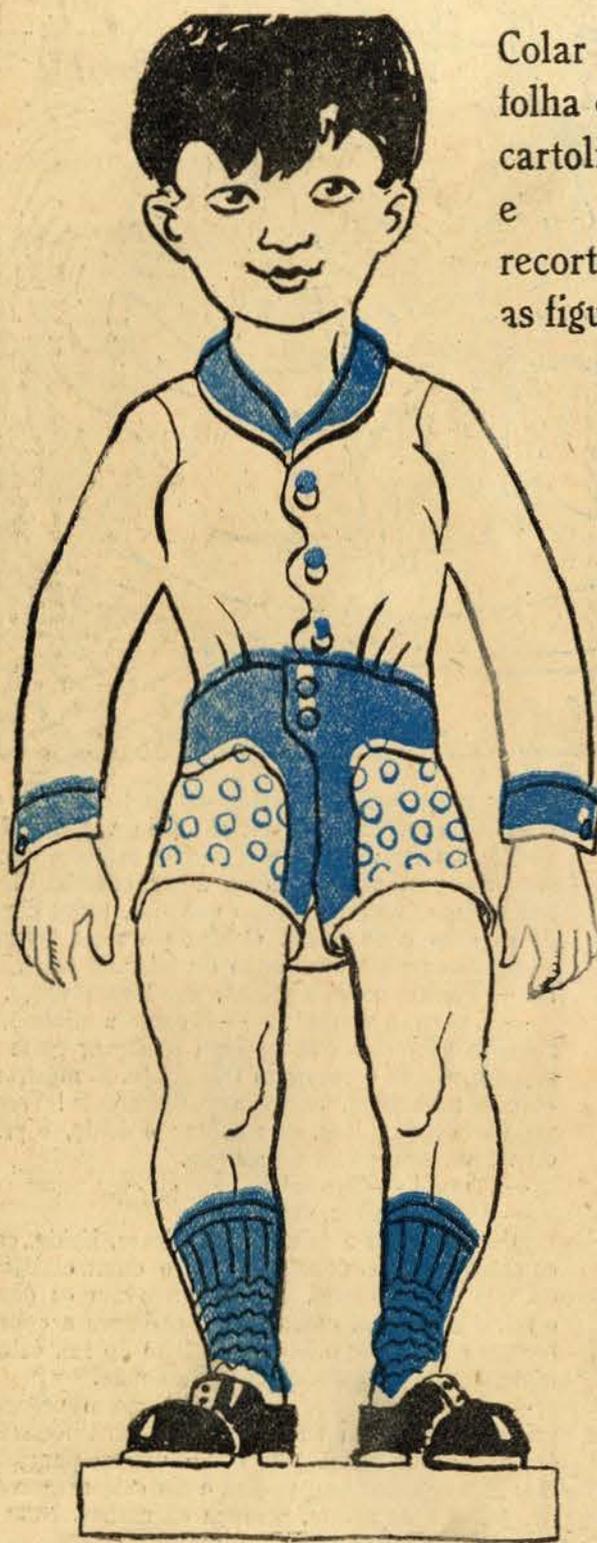
— Está a morrer, vejam!...

Efectivamente a princesa agonizava, lívida, com os cabelos soltos, cõr de ouro, e o olhar embaciado. Em volta do leito, as aias limpavam os olhos; o rei, a um canto, como morto, segurava a cabeça branca e pendida; o Físico, ao lado do rei, estava triste, com uma grande seringa na mão.

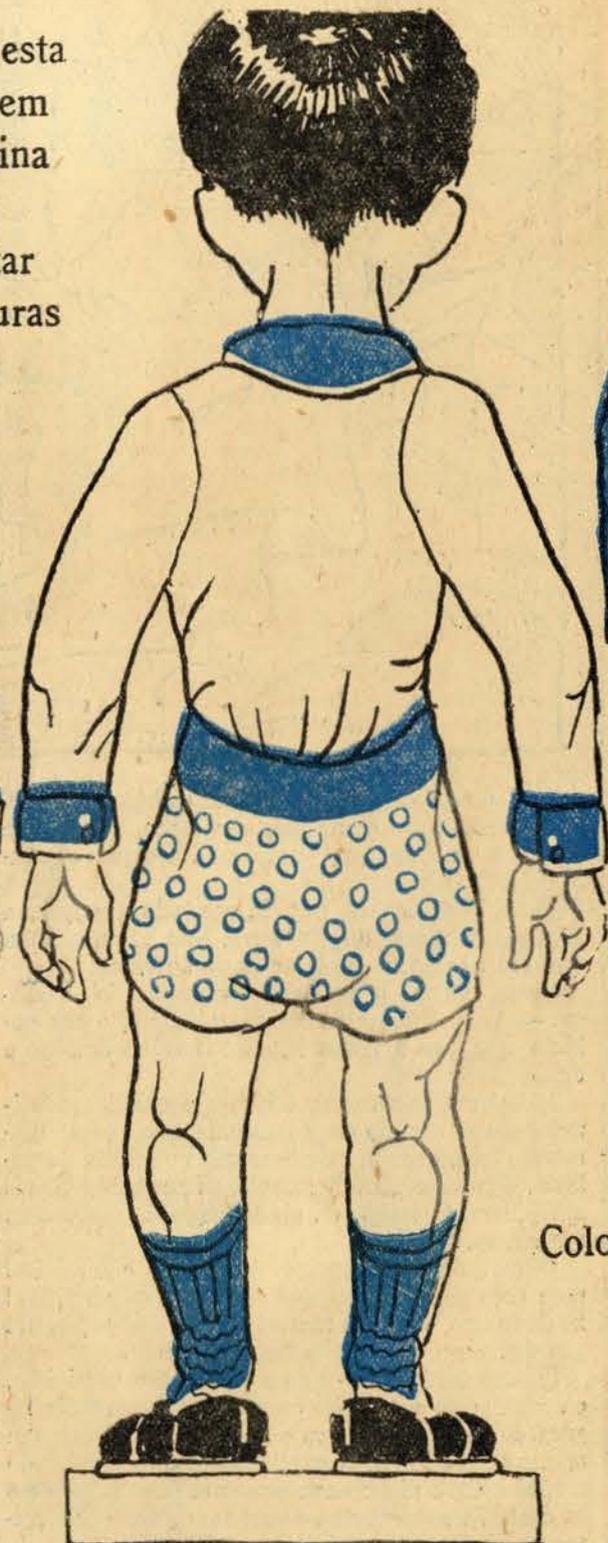
— E eu que a podia salvar! disse o segundo príncipe. Tenho uma maçã que sára todas as doenças antes do coração dar a última pancada. Mas faltam ainda muitos dias e ela está a morrer! Ah, gritou o do manto, venham cá ambos. Num só momento estamos ao pé da princesa!

Lançou o manto aos ombros dos dois príncipes e envolveu-se também com êles: — Manto! levamos ao pé de Claralinda! Num instante apareceram, radiosos, junto à princesa que expirava. O da maçã, inclinou-se, e chegou-lha ao nariz. Imediata-

(Continua na pagina 6)



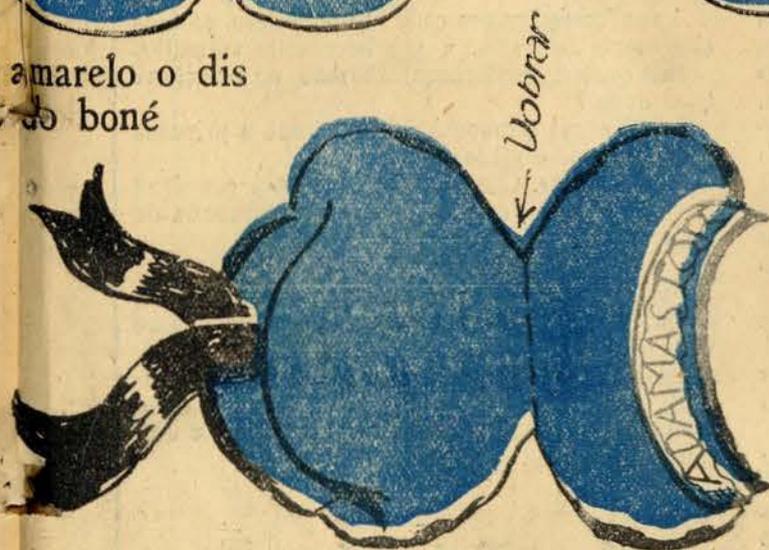
Colar esta
folha em
cartolina
e
recortar
as figuras



Colar este
espaço do
lado poste-
rior do
ponto nº1
indicado
no outro
lado do
fato

Colorir
com lápis
amarelo
os botões,
a âncora
e as divisas

Colorir a amarelo o dis-
tico do boné



CONS-
TRUÇÃO
PARA
A R M A R

por A CASTAÑÉ

Juca e os seus Fatinhos

O MENINO E O SOL

POR GRACIETTE BRANCO

Desenhos de Alfredo Morais

— O Sol!
Olha o Menino
a querer
olhar p'ra ti
mas sem poder!
Ó Sol!
O Sol!...
Mas quem és tu?
Tu, que vens aquecer
as patas do Lúlú,
e não és lume, não,
nem és fogão?!
...Então...
O Sol! Mas quem
és tu?
O béu-béu da Mamã
vem
logo de manhã
à procura de ti,
e fica-se deitado,
consolidado,
no sobrado
doirado,
do quartinho pegado
ao da Titi!
E os filhos do Mateus,
— (aqueles garotinhos,
pobrezinhos
de Deus,
a quem eu dou presen-
tes) —
ficam todos contentes

quando há Sol!...
E o canáriozinho,
parece maluquinho
a cantar
a voar,
a correr...
quando lhe vais bater
no poleirinho
.....
A Mamã
diz que é Deus que te
acende
de manhã
O Sol! Mas como é?!...
E como um «lume»
daqueles pequeninos?
E?
De cabecinhas?
Que veem em caixinhas?
E?
Em que os meninos
nunca podem mexer?
E?
E que, p'ra ver
se era bonito acender,
o Menino experimentou,
e, — coitadinho! —
queimou
o dedinho
mais grandinho,
e o Menino fêz beicinho
porque o Paizinho
ralhou?!
E?



É Sol? Mas, sendo assim
deve ser muito grande,
muito gran-an-an-ande!
Do tamanho de mim!!
O Sol!
Porque é que a Mamã ralha
se eu vou
sem o chapéu de palha
p'ró jardim?!

Mas tu,
não fazes também mal
às patas do Lúlú
e aos filhos do Mateus?!...
.....
Ai!
Não posso olhar!...
Tenho os olhinhos a cho-
rar...
Adeus!

...Diz que faz mal... Adeus!

AS TRES PRENDAS

(Continuado da página 3)

mente Claralinda se sentou no leito, rindo, e nas faces cadavéricas passou uma alegria. Uma alegria imensa encheu o palácio, encheu toda a cidade. O rei chorava, abraçado ao príncipe. Os sinos tocavam. Claralinda logo se vestiu, e apareceu para as bodas. Que linda que ela vinha! Disfarçadamente o o Mago aproximou-se do príncipe para lhe dizer ao ouvido: — Se Vossa Mercê me vendesse a maçã! O outro nem respondeu. Mas, então, se travou uma briga mais séria: — Qual deles teria direito à mão da princesa?

Devo ser eu, que lhe salvei a vida; disse o da maçã.

E eu! Pois sem o meu óculo, como podíamos ver que a princesa morria, a tantas léguas, com tanto caminho a andar?!

— E eu! Que se não fôsse o meu manto não chegaríamos nunca a tempo de a salvar. Descompuzeram-se. Nem pareciam príncipes! Todos três reclamavam a mão de Claralinda, que sorria cheia de graça e de amor.

A sua formosura era cada vez mais rara, os seus olhos mais amorosos, a sua boca mais vermelha. Mas qual deles alcançaria a mão da princesa? Qual deles?

Então el-rei chamou à sala do trono a princesa e mandou vir o sábio:

— Que dizes, Claralinda, qual casará contigo?

— Senhor pai, com o que me trouxe prenda de mais proveito.

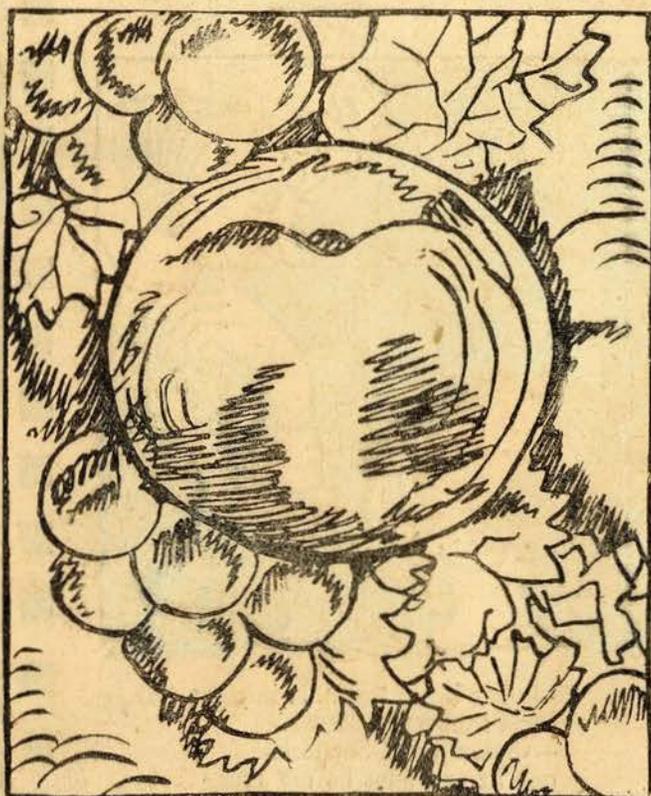
... E qual é, Claralinda?

Ela não o sabia. Para que servia a maçã sem o óculo, e o óculo sem o manto?... El-rei então voltou-se para o sábio:

Qual tinha mais direito? Ele encolhia os ombros, e esbugalhava os olhos. Oh céus! O velho rei nunca pode desembaraçar esta meada e Claralinda, se ainda vive, continua solteira.

■ F I M ■

A D I V I N H A



Meus meninos. Vejam se descobrem onde se encontra o menino guloso.

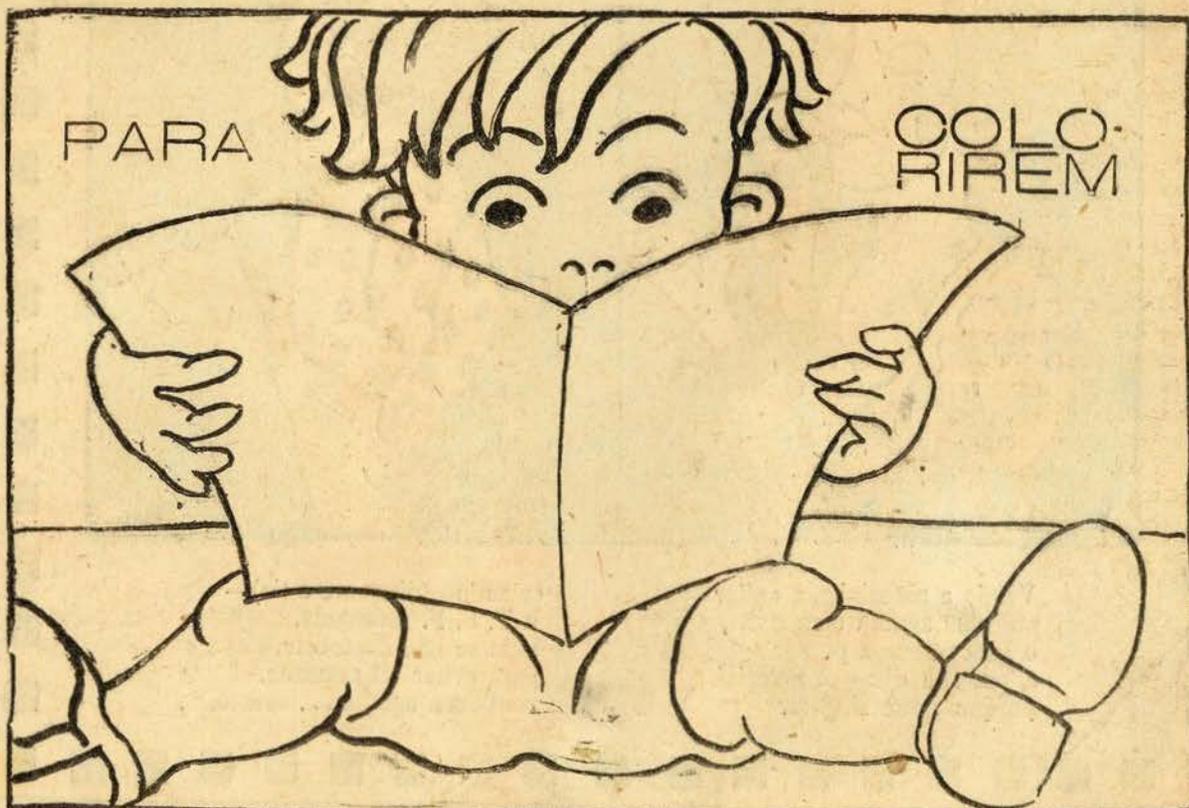
H O R A D E
R E C R E I O

Charadas por MORENITA



- 1— *Aqui esta bolsa serve de abrigo*—1,2
- 2— *Esta bebida é ruim faz labareda*—1,1
- 3— *Esta letra que há em Africa é um meio de transporte* —1,2
- 4— *Vi uma pedra que de compaixão se transformou numa maneira* 1,1
- 5— *Esta carta aqui é antipatia*—1,1
- 6— *Esta virtude com uma consoante no pulral faz um excremento* —1,1
- 7— *Esta virtude com uma flôr tem tudo quanto quere* —1,1
- 8— *Esta pedra aqui é um cacête*—1,1
- 9— *A pedra oferece esta boneca que vem de Paris*—1,1

P A R A

C O L O -
R I R E M

DUAS ANEDOTAS



Jozézinho é um garoto que raras vezes se lava; que anda sujo, todo roto e mandatosos á fava e lhe dizem: —« seu maroto porque razão se não lava?!

—«Que idade tens?... inquiria certa senhora, uma vez.
—«Saiba vossa Senhoria que fiz seis anos ha um mês.»
Responde a dama:—«dir-se-ia que te não lavas há dez!,,



Vendo a mãezinha, a enfiar por uma agulha uma linha, o Juca põe-se a pensar e, por fim diz:—«ó mãezinha, porque razão singular

estando—(disse-me o tio)— a T. S. F. inventada, inda se não descobriu, para evitar tal massada, também a agulha... sem fio?!,